FACULDADE AGES DE JACOBINA BAHIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GESTALT-TERAPIA NO MANEJO DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) EM CRIANÇAS

Carla Cinara da Silva Luz
Luana Jêimile Nunes de Sousa
Vanessa Magalhães Queiroz

Jacobina – BA
2023

Carla Cinara da Silva Luz
Luana Jêimile Nunes de Sousa
Vanessa Magalhães Queiroz

Gestalt-terapia no manejo do TEA (Transtorno do Espectro Autista) em crianças

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso na Faculdade Ages de Jacobina-BA como requisito básico para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientador (a): Profª Esp. Laísa Aquino Martins.

Jacobina – BA
2023

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e todos, agradeço a Deus , pois sem Ele nada seria possível.

Agradeço a orientadora Laisa Martins por aceitar conduzir esse trabalho de pesquisa e o fazer de maneira tão leve e impecável.

A todos os meus professores do curso de Psicologia da Universidade AGES pela excelência da qualidade técnica de cada um. Às minhas parceiras de construção desse trabalho , Luana e Vanessa, por terem abraçado o tema com tanta dedicação e possibilitado o resultado que alcançamos juntas.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda trajetória, sendo ainda minha rede de apoio. Ao meu filho pela compreensão e paciência durante o período do projeto e por ser presença e amor incondicional na minha vida sempre.

Carla Cinara.

Dedico esse trabalho acima de tudo a Deus, que cuidou em seus mínimos detalhes para que esse dia chegasse. Dele vem toda a minha força!

Dedico também aos meus pais, Jeane e Luciano, que sempre fizeram desse meu sonho a prioridade deles e em todos os dias me deram exemplo de compromisso e dedicação, também ao meu irmão Luanderson, que sempre me apoiou em cada passo dado. Agradeço também a toda minha família e amigos por sempre me apoiarem, incentivarem e até entenderem a ausência em alguns momentos, ter vocês como rede de apoio foi crucial.

Sem dúvidas nenhuma, também agradeço às minhas parceiras de pesquisa, Carla e Vanessa, por fazerem desse processo algo leve. Por fim e não menos importante, agradeço a nossa Orientadora e amiga Laisa, seus ensinamentos nos fez chegar até aqui. Esse TCC é resultado de uma paixão por um tema e de uma dedicação diária que nunca foi um fardo. Gratidão!

Luana Jêimile.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por nos permitir chegar até aqui, quero agradecer a nossa orientadora Laisa Aquino Martins por toda paciência e dedicação ao nosso trabalho. Aos meus professores que contribuíram com excelência para a minha formação acadêmica, as minhas parceiras de TCC por tanta dedicação em algo que nos propusemos a fazer. Aos meus pais e avós que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando e sendo tudo na minha vida. E a Bruna, que é a minha parceira de vida, que sempre me apoiou, me incentivou, me ajudou, teve paciência e se fez de extrema importância não somente durante a produção do TCC, mas sim, durante toda a minha graduação e se faz tão presente todos os dias na minha vida.

Vanessa Queiroz.

GESTALT-TERAPIA NO MANEJO DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) EM CRIANÇAS[1][1]

Carla Cinara da Silva Luz[2], Luana Jêimile Nunes de Sousa[2], Vanessa Magalhães Queiroz[2][2]
Laísa Aquino Martins[3][3]

RESUMO

O presente estudo relata o manejo da Gestalt-terapia e as possibilidades dessa prática dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), tendo como objetivo principal: Investigar as possíveis contribuições da gestalt terapia na compreensão do TEA (Transtorno do espectro autista) em crianças. A Gestalt terapia é uma abordagem psicoterapêutica fundada por Fritz e Laura Perfs na década de 1940, a mesma utiliza o consciente como um mecanismo de trabalho de busca da emoção. Assim, a Gestalt-terapia considera o autismo como uma perturbação da função id do self. A partir disso, foram feitas pesquisas em livros, artigos e busca com profissionais que comprovam a eficácia da Gestalt-terapia no manejo com crianças autistas, sendo assim, ficou explícito como a GT entende o TEA e tem estratégias de cuidado eficazes, trabalhando o desenvolvimento dessas crianças de maneira mais lúdica para que assim o processo seja mais leve.
Palavras-chave: espectro autismo, gestalt-terapia, crianças.

ABSTRACTY

This study reports on the management of Gestalt therapy and the possibilities of this practice within Autism Spectrum Disorder (ASD). The main objective is to investigate the possible contributions of Gestalt therapy in understanding ASD (Autism Spectrum Disorder) in children. Gestalt therapy is a psychotherapeutic approach founded by Fritz and Laura Perfs in the 1940s, which uses the conscious as a working mechanism to search for emotion. Gestalt therapy considers autism to be a disturbance of the id function of the self. Based on this, research was carried out in books, articles and with professionals who proved the effectiveness of Gestalt therapy in dealing with autistic children, thus making it clear how GT understands ASD and has effective care strategies, working on the development of these children in a more playful way so that the process is softer.
Keywords: Autism spectrum, Gestalt therapy, Children.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do interesse de um grupo de três estudantes de Psicologia, que viram a necessidade e curiosidade de compreender o manejo da Gestalt terapia (GT) com crianças, em especial as possibilidades dessa prática dentro das especificidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Teve como

[1] Trabalho de Conclusão de Curso
[2] Discentes no Curso de Psicologia – Faculdade Ages de Jacobina - AGES – Jacobina/BA – Brasil –
*Contato: carlacinarapsi@gmail.com, jeimileluanapsi@gmail.com, queirozvanessa397@gmail.com
[3] Professora Orientadora - Faculdade Ages de Jacobina – Jacobina/Ba – Brasil

objetivo geral investigar as possíveis contribuições da Gestalt Terapia na compreensão do TEA em crianças. Durante a trajetória acadêmica não houve muito contato com a visão da GT sobre o TEA, outras abordagens como a ABA (análise do comportamento aplicada), foram vistas de maneira mais ativa, e nós, enquanto graduandas de Psicologia, sentimos o interesse em descobrir o TEA através de outras leituras, com isso surgiu a ideia de pesquisar pela GT.

O intuito foi chegar aos objetivos específicos de: Caracterizar o autismo na perspectiva da gestalt-terapia; Relacionar o transtorno do espectro autista e a gestalt-terapia; Investigar qual a contribuição da Gestalt Terapia para o tratamento do TEA; Descrever principais técnicas utilizadas na intervenção com crianças autistas, para gestalt-terapia; Comparar a teoria e a aplicação de técnicas gestálticas no manejo do TEA em crianças, discorrendo aspectos que se relacionam e/ou se divergem.

Segundo o dicionário Dicionário On-line de Português (DICIO 2009), Autismo é uma palavra de origem grega: "*auto*s", que significa "próprio" ou "em si mesmo", acrescido do sufixo "*isso*", o qual remete a ideia de orientação ou estado. Dessa forma, o autismo indica uma condição ou estado de alguém com tendência a se alienar da realidade exterior; uma atitude de permanente concentração em si próprio. Para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM 5, 2023) o autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos.

Segundo Branco (2020) a Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica que utiliza o consciente como um mecanismo de trabalho de busca da emoção. Diante dessa abordagem, acredita-se que em contato consciente com a emoção, ou melhor, com seus conteúdos, o sujeito pode entrar no sentimento que o mantém preso em sua problemática relacional.

Marques (2000) coloca que as crianças com TEA podem apresentar as seguintes características: dificuldade de decodificar expressões ou emoções, interesses repetitivos e estereotipados, rituais compulsivos, resistência à mudança, dificuldades de expressar necessidades, apego inadequado a objetos, hiperatividade, entre outros. Diante de tudo isso, a problemática levantada por esse estudo é: Qual a contribuição da abordagem gestáltica para compreensão dos fenômenos do transtorno do espectro autista em crianças ?

2. METODOLOGIA

O método definido e utilizado nessa pesquisa foi o bibliográfico, Gil (2002) discorre que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já existente, como livros e artigos científicos, dessa forma, para realização deste estudo foram realizadas pesquisas através de livros, sites científicos e artigos como o Google Acadêmico, PePSIC e SciELO.

Além de visar mostrar as contribuições da Gestalt-Terapia no entendimento o TEA (Transtorno do Espectro Autista) e na visão de profissionais que trabalham com esse público, através de um levantamento bibliográfico foi possível relacionar a teoria gestáltica e seus manejos técnicos com a aplicabilidade e funcionalidade no autismo.

Para a pesquisa, foram seguidas as diretrizes, os critérios e os preceitos éticos estabelecidos pelo manual de trabalho acadêmico e científico do Ecossistema Ânima de Educação. Acatando as normas institucionais, no que se refere à apresentação de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, garantindo a ética na coleta e procedimentos de dados, não apontando fontes inverídicas e não científicas, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Além, de seguir os preceitos éticos da resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) Nº 010/05, que aprovou o Código de Ética Profissional do Psicólogo.

3. RESULTADOS

Foram encontrados e lidos um total de oitenta e cinco artigos e quinze livros que discutem o transtorno do espectro autista, oitenta artigos que falam a respeito da Gestalt Terapia e cinquenta sobre a prática gestáltica com crianças autistas, além de quatro livros sobre metodologia do trabalho, sendo desses materiais encontrados, filtrados e usados vinte e cinco para a construção desse trabalho. Esses artigos foram encontrados através de buscas com as palavras chaves: Gestalt Terapia; Crianças; e Espectro Autista. A seleção do material que foi de fato usado ocorreu através de análises acerca de qual material seria pertinente ao uso desta pesquisa, assim, eram feitos resumos do material lido, discutido a importância do mesmo entre o grupo e assim íamos escolhendo o que seria abordado neste presente artigo.

4. DISCUSSÃO

4.1 AUTISMO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve o TEA como um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e o comportamento e que pode ser diagnosticado em qualquer idade. O autismo é um espectro: isso significa que cada pessoa autista experimenta diferentes combinações de traços autistas, em diferentes características e intensidades das mesmas. A lei 13.977/20 institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, de expedição gratuita.. A nova lei prevê que, com o documento, a população autista tenha prioridade de atendimento em serviços públicos e privados, especialmente nas áreas da saúde, educação e assistência social.

Na visão biomédica, o autismo está entre os transtornos de desenvolvimento, e segundo Klin (2006) ele faz parte dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento e o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais) e a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (CID) trazem critérios que devem ser usados no diagnóstico. Esse transtorno provoca na criança problemas de comunicação e interação social, fazendo com que ela se isole do mundo externo e, de certa maneira, viva em um mundo particular dentro da sua cabeça. O sujeito com autismo também costuma apresentar comportamentos estereotipados e repetitivos, sendo um desses a ecolalia.

4.2 GESTALT-TERAPIA

Para a Gestalt-terapia (GT), cada cliente é único e faz parte de um contexto, de um campo também único. Essa abordagem formula uma relação campo-organismo-meio que constitui uma totalidade singular, indissociável e em constante movimento. Conforme assevera Ribeiro (2007, p.25), a Gestalt-terapia "pode ser definida como uma terapia do contato em ação, no sentido de que terapeuta e cliente estão atentos aos modos pelos quais o cliente procura satisfazer suas necessidades, em dado campo". Ainda segundo esse autor, O Contato é relação; fazer contato é se relacionar. O contato com o mundo acontece através dos sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar, propriocepção e movimento.

Ponciano (2016) relata que a GT surgiu em meio à psicologia humanista, que traz para a psicologia um outro olhar do indivíduo, divergindo das ideias psicanalíticas e behavioristas — abordagens, na época, bastante deterministas. Até os dias atuais existem ideias que se divergem acerca da origem dessa abordagem

gestáltica entre profissionais da área, apesar de não necessariamente essa discussão se tratar somente da história como também das formas de pensar e praticar a gestalt.

Para alguns, a GT foi fundada por Fritz Perls, já para outros não se pode intitular apenas um pioneiro, mas sim um grupo de pioneiros, o denominado ‘’grupo dos sete’’ que eram membros Fritz Perls, sua esposa Laura, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro, Paul Goodman e Sylvester Eastman. Segundo Frazão (2013) o que de fato marcou o surgimento da Gestalt-terapia foi a publicação do livro Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality (Gestalt-terapia: excitação e crescimento da personalidade humana), publicado em 1951, escrito por Paul Goodman, Frederick Perls e Ralph Hefferline, esse exemplar foi o resultado de algumas anotações de quando Perls havia migrado para a África e de debates entre o grupo dos sete, sendo considerado um dos mais importantes livros de Gestalt até os dias atuais. Foi nesse lançamento que o termo Gestalt foi usado pela primeira vez, considerando isso um marco para o surgimento dessa abordagem.

O contato inicial com a Gestalt-Terapia no Brasil aconteceu a partir de grupos, que assim como o movimento internacional que incentivavam o contato com uma abordagem “nova’, abrindo uma “alternativa” às conhecidas e hegemônicas, numa proposta vivencial se estabelece como marca preponderante, além de favorecer o autoconhecimento através de uma perspectiva de valorização do mundo sensível em detrimento do racional, do intelectual, é extremamente sedutora.

Ribeiro (2007), considera que a Gestalt-terapia é uma terapia de contato. A todo momento o indivíduo está em contato com o meio ambiente e é por meio deste que o funcionamento humano pode tornar-se saudável ou disfuncional. É através do contato que nos damos conta de nós mesmos, que podemos ser criativos na forma de ver o mundo e de fazer escolhas na vida.

O DSM 5 é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que auxilia o trabalho de profissionais de saúde mental por todo o mundo. DSM 5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Esse documento foi criado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para padronizar os critérios diagnósticos das desordens que afetam a mente e as emoções. O número 5 se refere à quinta edição do manual, que passa por revisões e atualizações diante dos avanços científicos sobre os transtornos mentais.

O Autismo passa a ser chamado de Transtorno do Espectro do Autismo, classificado como um dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, caracterizado pelas dificuldades de comunicação e interação social e também os comportamentos restritos e repetitivos. Para o DSM 5, muitos indivíduos com transtorno do espectro autista também apresentam comprometimento intelectual e/ou da linguagem. As características comportamentais do TEA, tornam-se inicialmente evidentes na primeira infância, com alguns casos apresentando falta de interesse em interações sociais no primeiro ano de vida. Com isso, a idade e o padrão de início também devem ser observados.

O manual, traz que os melhores fatores prognósticos estabelecidos para as evoluções individuais no transtorno do espectro autista são a presença ou ausência de transtorno do desenvolvimento intelectual e comprometimento da linguagem associados (p. ex., linguagem funcional por volta dos 5 anos de idade) bem como outras condições de saúde mental. Epilepsia, como um diagnóstico de comorbidade está associada a maior prejuízo intelectual e menor capacidade verbal. Fatores Ambientais referem-se variedade de fatores de risco para transtornos do neurodesenvolvimento, como idade avançada dos pais, prematuridade extrema ou exposição intrauterina a certas drogas ou agentes teratogênicos, que podem contribuir em grande parte com o aumento do risco de transtorno do espectro autista.

Torna-se perceptível portanto o amplo campo de possibilidades que a Gestalt-terapia apresenta desde acolhimento e atuação junto ao sujeito com autismo, sendo um vasto espaço para reflexões e produção de conhecimento, bem como contribuições psicoterápicas para tal demanda.

4.3 GESTALT-TERAPIA E COMPREENSÃO DIAGNÓSTICA SOBRE O AUTISMO

Pensar no diagnóstico costuma reportar a uma perspectiva bastante tradicional no âmbito clínico, envolvendo procedimentos preestabelecidos, numa sequência lógica , pré-determinada, localizando o cliente/criança numa categoria específica, que estabelece objetivos terapêuticos também específicos e pré-definidos muitas vezes. De acordo com Barbosa (2011) a Gestalt-terapia, compreendendo o sujeito numa visão holística, essa concepção tradicional de diagnóstico se torna incompatível pois entende que o indivíduo é um constante vir a ser e que também não cabe encaixá-lo numa categoria fixa. Ao invés disso, privilegia

a atribuição de significado do paciente em relação a suas próprias questões, não os resumindo a uma parte (no caso ao diagnóstico).

Até o próprio termo ‘diagnóstico’ se encaixa melhor como ‘compreensão diagnóstica’, afinando com a concepção de ser humano da Gestalt-terapia, que privilegia a observação, a descrição da experiência singular do paciente, bem como as relações entre os diversos elementos do(s) campo(s) que ele faz parte. Perls; Hefferline E Goodman (1997) afirmaram que a psicoterapia não se objetiva da consciência do psicoterapeuta em relação às questões do paciente, mas deste em relação a si próprio.

Apesar das várias concepções de diversas abordagens psicológicas acerca do entendimento do funcionamento do TEA, a Gestalt Terapia traz o entendimento desse transtorno através de uma visão de que esse é um problema de perturbação na função *self* (senso de identidade), onde acredita-se que a criança tem um certo ‘’enrijecimento’’ nos limites da fronteira de contato, bloqueando assim a comunicação entre organismo e ambiente, pois as funções do contato recebem os estímulos, porém já de maneira comprometida, fazendo assim com que também sejam percebidos de forma oposta pelo infante, o que gera insensibilidade e evitação ao contato, gerando o comportamento da criança se isolar, pois sua capacidade de manter relacionamentos apresenta-se reduzida (MULLER-GRANZOTTO; E MULLER-GRANZOTTO (2008) *apud* SOARES, 2018).

Segundo Cardoso (2009) a GT traz a fronteira de contato como se fosse uma relação entre organismo e ambiente, fazendo com que as pessoas saibam delimitar esses contatos através da identificação ou da alienação. Dessa forma, a fronteira é rígida e há uma alienação quando o indivíduo apresenta problemas para fazer contato com algo diferente do que está habituado e assim, sente-se desconfortável, e do modo contrário, a fronteira apresenta-se frouxa quando não há uma delimitação e o indivíduo não sabe se proteger, permitindo contato com tudo, portanto, o ideal é que essa fronteira seja flexível, assim a pessoa saberá filtrar os contatos.

Soares (2018) ao citar Muller-Granzotto & Muller Granzotto (2008), coloca que a criança autista na visão gestáltica apresenta essa dificuldade de delimitação pois ela não possui uma consciência clara dela própria e nem do outro, pois existe uma falha na sua função *id*, a assimilação das coisas e sensações é comprometida e por essa razão ela não considera relevante estabelecer um contato autêntico com as pessoas nos ambientes em que está. O autista responde com padrões

comportamentais estereotipados demonstrando fixação e apego por coisas específicas, todavia, é importante ressaltar que, mesmo com a sintomatologia dos quadros de crianças autistas, a abordagem gestáltica busca conhecer e entender o indivíduo para além do seu quadro patológico, dessa forma, o psicoterapeuta da GT busca trabalhar com a criança visando seu melhor para além da visão do diagnóstico que a mesma possui.

A Fenomenologia, uma das correntes filosóficas que embasam a GT, privilegia a sabedoria do cliente e a sua atribuição de significado às suas próprias questões, associa-se assim ao que Aguiar (2021) cita acerca de pensar em diagnóstico costuma reportar a uma perspectiva tradicional que envolve determinados procedimentos preestabelecidos, realizados em certa ordem, em determinado número de sessões, visando localizar o que o cliente apresenta dentro de categorias específicas, estabelecer objetivos terapêuticos e escolher técnicas para alcançá-los, além de emitir expectativas prognósticas.

Para Aguiar (2005), a clínica Infanto Juvenil Gestáltica, atenta para a forma como a criança estabelece contato com o seu meio através das suas funções, a fim de que, quando necessário, este processo seja trabalhado para que ela estabeleça contatos mais saudáveis com o objetivo de possibilitar este processo, além de se ter a relação psicoterápica como ponto central, vez que uma diversidade de técnicas pode auxiliá-la, a mesma afirma ainda, que na perspectiva gestáltica de homem, a concepção de diagnóstico é incompatível, sendo o homem um constante vir a ser, não cabendo encaixá-lo numa categoria fixa.

Zanella e Antony (2020) elucidam as contribuições da abordagem Gestáltica para compreensão dos fenômenos do Transtorno do Espectro do Autismo em crianças, bem como vislumbrar possibilidades de intervenções lúdicas com as mesmas. É válido ressaltar a Gestalt como uma tendência teórica coerente e coesa, preocupada em construir não apenas uma teoria consistente, mas uma base metodológica robusta, para garantia e reforço da consistência teórica.

Conforme Aguiar (2020), nas perspectivas teórico e metodológicas, a Clínica Infantil na Gestalt-terapia, se constitui sobre alicerces sólidos, atrelados indissociavelmente ao cliente e ao sistema de relações do mesmo, buscando intervenções que assegurem a despatologização da criança, convocando a construção de ações que levem a uma maior funcionalidade do paciente e de seu contexto relacional. Desse modo, a prática clínica da Gestalt-terapia infantil se dá

numa ação multifatorial que contempla a atenção à criança, enquanto alvo da escuta e intervenção, mas que também exige investimento, aceitação, orientação e manejo assertivo com esse sujeito infantil e seu entorno direto (família, cuidadores, etc) e indireto (seus diversos contexto).

Pensando as técnicas lúdicas na perspectiva da Gestalt-terapia, Fukumitsu (2012) defende os recursos lúdicos como um caminho de acesso ao universo psicológico da criança, vez que a clínica de Gestalt-terapia infantil acredita que a criança brinca melhor os seus problemas e dificuldades do que fala deles. Isso se dá a partir de um convite ativo do psicoterapeuta ao apresentar novidades e/ou ludicidades que ampliam as possibilidades de consciência (awareness) e construção de alternativas diante das demandas de cada criança (ajustamento criativo).

Magalhães e Machado (2023), em sua obra, traz ricas contribuições acerca das expressões contemporâneas dos sofrimentos infantojuvenis sob a perspectiva da Gestalt-terapia. Em um de seus capítulos que tem por título 'Ajustamentos autistas, Despatologização e Travessias Clínicas: A Gestalt-terapia como bússola', Cintia Lavratti Brandão trata das construções teóricas partindo da perspectiva de patologização de todas as pessoas que se encontram dentro do espectro diverso chamado de TEA e promove uma nova perspectiva, considerando o ajustamento autista, considerando complexidades, particularidades e contornos coletivos.

Em seu artigo que analisa o funcionamento autista sob a ótica da Clínica Infantil Gestáltica, Soares (2018) afirma que na visão biomédica o autismo é compreendido enquanto transtorno do desenvolvimento que gera déficits qualitativos na comunicação, na interação com os pares , e no comportamento da criança, enquanto na visão da Gestalt-terapia o autismo pode ser visto como uma perturbação na função id, causando o enrijecimento nas fronteiras de contato e a interrupção no processo de contatar através dos ajustamentos fixados. Afirma ainda que o acompanhamento oferecido na práxis clínica da Gestalt-terapia viabiliza uma relação de acolhimento, aceitação e respeito ao ritmo e limite da criança com funcionamento autista, sugerindo intervenções que incentivam o desenvolvimento integral do processo da criança com autismo.

Lavratti (2018) relata que o trabalho terapêutico é permeado por desafios, não havendo receitas, vez que nenhuma prescrição seria capaz de dar conta da complexidade humana e das idiossincrasias de cada aventura existencial que compartilhamos, abraçando ao invés disso, uma atitude genuinamente interessada

e confiante em suas potencialidades e capacidades de autorregulação, sendo fonte de nutrição e suporte sempre que necessário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dando sentido às consignas desse trabalho, que se sustentam nas contribuições da abordagem gestáltica para compreensão dos fenômenos do Transtorno do Espectro do Autismo e nas possibilidades de intervenções com crianças com autismo na perspectiva dessa mesma abordagem, chegamos à conclusão que se torna significativo relacionar a Clínica Infantil Gestáltica e o funcionamento autista, o que permite compreender por meio desta prática clínica o quanto é possível elucidar uma atitude dialógica, que envolva o acolhimento, presença genuína, aceitação e respeito do psicoterapeuta para com a criança, juntamente ao uso de intervenções, recursos lúdicos, experimentos e técnicas que se façam necessários para o desenvolvimento e crescimento da mesma, indo inclusive para além do diagnóstico e considerando esse sujeito como um todo.

Conforme o que foi exposto ao longo do artigo, embora a Gestalt-terapia não desconsidere a visão biomédica (que foca nas questões do comportamento e do cognitivo como fatores primordiais para entender e lidar com o autismo e demarca critérios e formas de comportamento para estabelecer o diagnóstico), a Gestalt-terapia parte de pressupostos que trazem uma perspectiva mais abrangente ao não se prender a fatores específicos, vez que busca compreender o indivíduo em sua totalidade, não reduzindo-o ao adoecimento. Ao invés disso, compreende o Transtorno do espectro Autista enquanto uma forma de ser e estar no mundo, que pode ser considerada como diferente, mas que precisa ser respeitada e compreendida. Desse modo, não se abandona a questão do comportamento, mas traz este aspecto em interlocução com a relação que o organismo estabelece com o seu meio, atentando para o processo de autorregulação, do ajustamento criativo, e para os bloqueios no ciclo do contato que ocorrem através dos mecanismos de defesa.

Dessa maneira, a Gestalt-terapia trabalha na busca do restabelecimento do contato entre o organismo com o seu meio, respeitando as limitações individuais, promovendo interações , no propósito de buscar expandir as fronteiras de contato e os recursos internos da criança, para diminuir a rigidez e ir em direção a uma maior fluidez, assim como despertar a awareness, incentivando a percepção de si mesma

enquanto ser único no mundo, com necessidades/demandas individuais a serem atendidas, enquanto ser em constante mudança, em constante relação com o outro, em um constante vir a ser.

Desenvolver esse trabalho foi desafiador mas bastante satisfatório pois nos fez perceber a grandeza da articulação entre a Gestalt-terapia, a Clínica Infantil Gestáltica e o funcionamento autista, vez que por meio desta prática clínica é promovido um acompanhamento de perspectiva dialógica, envolvendo acolhimento, ofertando presença genuína, aceitação e respeito do psicoterapeuta para com a criança, suas singularidades e seu todo, não apenas ao autismo.

Portanto, a partir das leituras e pesquisas, conclui-se ainda que a clínica Infantojuvenil na perspectiva teórico, metodológica da Gestalt-terapia se constitui em sólidos alicerces, atrelados indissociavelmente ao cliente ao seu sistema de relações. É válido ressaltar ainda que a psicoterapia da Gestalt-terapia não objetiva a cura ou eliminação dos sintomas do Transtorno do Espectro Autista, mas auxiliar o sujeito a partir da concepção gestáltica de ser humano, acreditando na amplitude de possibilidades que a relação dialógica oferece, viabilizando a relação terapêutica junto a uma criança com autismo, tendo ela como protagonista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. **Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 16, n. 2, p. 217-221, dez. 2010 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 31 maio 2023.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

Aguiar, L. (2005) ***Terapia com Crianças*: teoria e prática.** São Paulo: Livro Pleno.

ANTHONY, Sheila. ROSANA, Zanella. **Infância na Gestalt-Terapia: Caminhos terapêuticos.** São Paulo: Summus Editorial, 2020.

BRANCO, Beatriz Nina de Araujo Costa. **"O trabalho da clínica gestáltica com crianças autistas: ampliando fronteiras."** (2020)

BOCK, Ana Maria. Psicologias. **Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2004.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Dicio, **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: https://www.dicio.com.br/autismo/. Acesso em: 08 de maio de 2023.

ESCH, C. F.; JACÓ-VILELA, A. M. A Gestalt-Terapia chega ao Brasil: recepção e desenvolvimento inicial. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, *[S. l.]*, v. 36, p. 1–29, 2019. DOI: 10.35699/1676-1669.2019.6847. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6847. Acesso em: 29 maio. 2023.

FRAZÃO, Lilian. FUKUMITSU, Karina. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas.** São Paulo: Summus Editorial, 2013.

FUKUMITSU,K.O. **A técnica lúdica na perspectiva gestáltica.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

LAVRATTI, Cíntia. **Gestalt-terapia infantojuvenil: práticas clínicas.** Juruá: contemporâneas, 2018. 146 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JULIANO, J. C. Gestalt-Terapia: revisitando as nossas histórias. **IGT na Rede ISSN 1807-2526,** *[S. l.]*, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/21. Acesso em: 29 maio. 2023.

Klin, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** São Paulo: Rev. Bras. Psiquiatr. v. 28, supl. 1 de maio de 2006. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002. Acessado em 10 de outubro de 2023.

Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020. Brasília: Diário Oficial da União. BRASIL.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 5ª edição, texto revisado (DSM-5-TR)

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. Clínica dos ajustamentos psicóticos: uma proposta a partir da Gestalt-terapia.

Psychotic adjustment clinic: a Gestalt-Therapy proposal. **IGT na Rede ISSN 1807-2526**, *[S. l.]*, v. 5, n. 8, 2008. Disponível em: https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/147. Acesso em: 15 de out, 2023.

Prestelo, E. **"A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles vermelhas” ou “caras-pálidas”."** Clio-Psyché Hoje. Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará (2001).

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. 175p..

ANTÔNIA, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais.** Araxá/MG: maio de 2008.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. 6. ed. São Paulo (SP): Summus, 2007.

RIBEIRO , J. P. **Vade-Mécum de Gestalt-terapia.** 3• Ed. São Paulo: Summus. 2016

MAGALHÃES, Daniela. MACHADO, Carla. **Sofrimentos infantojuvenis na abordagem gestáltica.** Juruá Editora: v, 1. 110 p.

SOARES, Marcela Neves e FERREIRA, Wanderlea Nazaré Bandeira. **O funcionamento autista sob a ótica da clínica gestáltica**. Rev. NUFEN [online]. 2018, vol.10, n.2, pp. 75-90. ISSN 2175-2591.